

# INOVAÇÃO EXIGE PARCERIA

Carmine Taralli (\*)

Apostar de vez na tecnologia como investimento. Esta é a idéia que precisa ser "comprada" por todos aqueles que vêm discutindo a criação de um projeto de apoio à parceria pesquisa-indústria no campo da inovação.

Tal parceria, se bem equacionada, ajudará o país a acelerar o passo e superar (ou ao menos reduzir) o gap tecnológico que o separa das regiões desenvolvidas. Uma tarefa especialmente dura num ambiente marcado pela recessão, pelos recursos minguados e pela batalha do dia-a-dia, que faz predominar uma visão empresarial de curto prazo.

Mas não há outra saída. A capacidade de inovação em produtos e processos é que vai definir os países e empresas que vencerão a luta pela sobrevivência no mercado mundial.

Não é novidade o fato de que tecnologias refinadas ou de ponta dificilmente são vendidas. Também não se ignora que grandes multinacionais buscam acesso aos mercados emergentes do terceiro mundo via joint-ventures, alianças estratégicas ou parcerias que, de alguma forma, diminuam o controle nacional sobre suas indústrias.

Diante disto, o Brasil precisa de inovações e desenvolvimentos tecnológicos que envolvam a participação de suas universidades e institutos de pesquisa, cuja criatividade e acervo de conhecimentos não têm sido adequadamente utilizados.

As formas de concretização da parceria pesquisa-indústria devem ser rapidamente estruturadas pelas partes interessadas.

A ANPEI tem debatido a questão com órgãos como o Ministério da Ciência e Tecnologia, Fundação de Amparo à Pesquisa (FAPESP) e Secretaria de Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, estes dois últimos de São Paulo.

Os projetos conjuntos devem se centralizar em atividades ligadas à pesquisa básica dirigida; pesquisa aplicada; e desenvolvimento experimental de produtos e/ou processos até a qualificação de protótipos (fase pré-industrial).

As propostas elaboradas pela ANPEI partem da premissa de que as parcerias po-

dem ser incentivadas aproveitando-se os mecanismos de financiamento já existentes no sistema de ciência e tecnologia, em especial no estado de São Paulo.

Os recursos para apoio a projetos tecnológicos permitirão reduzir o investimento em inovação e, portanto, o risco assumido pelo empresário. Que terá também de dar sua contrapartida, bancando custos como os de manutenção da equipe e de fabricação de protótipos de produtos e/ou processos.

Para financiamento dos investimentos empresariais em pesquisa e desenvolvimento (P&D) existem várias fontes, como a FINEP - Financiadora de Estudos e Projetos e o BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Além disso, as empresas poderiam também reduzir o custo de seus projetos usando a lei de incentivos fiscais (lei 8661), aprovada recentemente pelo governo federal.

A interação pesquisa-indústria poderá ser desenhada de várias formas. Como projetos de pesquisa cooperativa; apoio a parques e pólos tecnológicos; e ainda cursos de gestão empresarial e educação tecnológica, entre outras.

Bem conduzidos, os trabalhos conjuntos poderão gerar um efeito muito positivo sobre o reerguimento das atividades de P&D, como já ocorre, por exemplo, no Rio Grande do Sul. Com o apoio da FAPERGS - Fundação de Amparo à Pesquisa daquele estado, um grupo de universidades vem trabalhando em conjunto com empresas gaúchas em áreas tão diversas como vinho, metalurgia e reagentes imunológicos, por exemplo.

Aliar a busca do empresário pela inovação ao esforço de pesquisa desenvolvido em nossos centros oficiais de P&D é uma das poucas saídas que restam ao país para se elevar no patamar tecnológico mundial. E se tornar verdadeiramente moderno, competitivo e respeitado.

**"A capacidade de inovação tecnológica é que vai definir os países e empresas que vencerão a luta pela sobrevivência no mercado mundial".**

(\*) Presidente da ANPEI e Diretor de Pesquisa e Desenvolvimento da Pirelli Cabos.